
Revista *Blimunda*: o jornalismo cultural como prática social da Fundação José Saramago¹

Maria do Socorro Furtado Veloso²
Henrique Alberto Mendes³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

Este artigo apresenta uma análise da revista *Blimunda*, publicação digital criada em 2012 pela Fundação José Saramago, sediada em Lisboa. No estudo, apresentamos um breve panorama descritivo da publicação, com foco analítico na edição nº 81, visando à compreensão dos pressupostos editoriais que a norteiam. Para essa tarefa, foi realizada a revisão das contribuições teóricas de Faro (2014) ao campo do jornalismo cultural e aplicada a metodologia da Análise do Discurso. A intenção é compreender de que modo as marcas enunciativas do discurso empreendido pela revista demarcam, na perspectiva de Bourdieu (2004), práticas sociais da Fundação para alcançar o propósito de zelar pela memória do escritor José Saramago (1922-2010) e promover o debate sobre temas relacionados aos direitos humanos.

Palavras-chave

Jornalismo Cultural; Revista *Blimunda*; Fundação José Saramago; Práticas Sociais.

1. Introdução

A revista digital *Blimunda*⁴ é uma publicação editada pela Fundação José Saramago (FJS), entidade sediada em Lisboa que visa a apoiar iniciativas no campo da cultura, democracia, direitos humanos e meio ambiente, bem como promover o estudo e preservação da obra do escritor português vencedor do Nobel de Literatura em 1998. O objetivo deste estudo é reunir e analisar elementos que permitam compreender os pressupostos editoriais da publicação enquanto exemplos das práticas sociais da FJS.

Disponibilizada gratuitamente no site da fundação, a revista chegou à 97ª edição em agosto de 2020. Veicula artigos, ensaios, resenhas, reportagens e outros conteúdos

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Integrante dos grupos de pesquisa Pragma e Ecomsul (UFRN). Coordenadora do projeto de pesquisa “Jornalismo, literatura e política: as contribuições da obra de José Saramago para uma leitura crítica das mídias”, vinculado ao Departamento de Comunicação Social da UFRN. E-mail: socorroveloso@uol.com.br.

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista Capes. Graduado em Letras e estudante de Jornalismo da UFRN. E-mail: hmendes692@gmail.com.

⁴ Disponível em <https://www.josesaramago.org/revista-digital-blimunda-i/>. Acesso em 25 de abril de 2019.

relacionados a temáticas da literatura e da cultura de língua portuguesa, tendo, como pano de fundo, os compromissos assumidos por Saramago (1922-2010) na Declaração de Princípios da entidade que leva seu nome⁵.

Em seu primeiro editorial, a revista informa que, mesmo centrada em questões literárias, “não perderá de vista os restantes princípios que orientam a Fundação, como a defesa do meio ambiente, a valorização da cultura portuguesa, literária e não só, e aqueles que estão plasmados na Carta Universal dos Direitos Humanos (...)” (LETRIA, 2012, p. 3).

Lançada em abril de 2012, a revista online da Fundação José Saramago ganhou o nome *Blimunda* em homenagem à personagem protagonista do livro *Memorial do convento*, de 1982. Na obra, Saramago fala de uma mulher que colecionava “vontades” e tinha o dom de enxergar o interior das pessoas.

A equipe editorial é composta por Sérgio Machado Letria, diretor da FJS, e pelos editores e repórteres Andreia Brites, Ricardo Viel – diretor de comunicação da Fundação – e Sara Figueiredo Costa. Quatro seções fixas compõem a publicação, atualmente. São elas: Saramaguiana, Leituras do Mês (ambas constam desde o projeto inicial), Estante, que é produzida por Andreia Brites e Sara Figueiredo Costa; e A Casa da Andréa, coluna da escritora brasileira radicada em Portugal, Andréa Zamorano.

De acordo com o diretor de comunicação da FJS, normalmente as colaboradoras fixas escolhem os temas que tratarão e informam a Sérgio Letria e a Ricardo Viel, que são os responsáveis por definir e tratar do conteúdo restante⁶. Eventualmente, a revista também traz textos assinados pela jornalista Pilar del Río, viúva de José Saramago e presidenta da Fundação.

Na edição de janeiro de 2019 foi veiculado o estatuto editorial, o qual afirma que *Blimunda* é “dirigida com total independência política, ideológica, religiosa e económica e escrupulosamente respeitadora da Constituição da República Portuguesa, da Declaração Universal dos Direitos Humanos e da Declaração de Princípios da FJS”⁷.

Posicionando *Blimunda* no campo jornalístico e assumindo que sua atividade editorial é pautada por “absoluta liberdade e rigor”, o estatuto diz ainda que a revista “e todos os seus trabalhadores, reveem-se nos principais documentos que regem a actividade

⁵ A Declaração de Princípios foi redigida por Saramago e divulgada em 29 de junho de 2007, três anos antes de sua morte. Está disponível em <https://www.josesaramago.org/declaracao-de-principios/>. Acesso em 25 de abril de 2019.

⁶ Entrevista concedida por Ricardo Viel a Maria do Socorro F. Veloso em 20 de novembro de 2018. Por e-mail.

⁷ Disponível em: <https://www.josesaramago.org/blimunda-80-janeiro-de-2019/>. Acesso em 8 out. 2020.

jornalística: Código Deontológico, Estatuto do Jornalista e Lei de Imprensa (...)”. Assim, em confluência com o que já havia delineado desde sua primeira edição, o documento termina por acentuar de forma sumária que “Blimunda defende e defenderá sempre a Liberdade e a Democracia”, reiterando o caráter ético-político a que a revista se propõe assumir enquanto veículo jornalístico da Fundação José Saramago.

O jornalista Ricardo Viel acredita que a FJS tem sido capaz “de entregar mensalmente uma revista aos leitores (...) à altura da proposta inicial: fomentar a literatura e a cultura, promover debate sobre temas relacionados aos direitos humanos, tentar estabelecer pontes culturais com outros países”⁸.

Inscrita conceitualmente no campo do jornalismo cultural, *Blimunda* tem características singulares que procuraremos destacar, neste estudo, por meio de breve panorama descritivo e analítico, com apoio de pesquisa bibliográfica e de referencial teórico-metodológico constituído a partir das contribuições de Faro (2014) e Bourdieu (2004) além de instrumentos da análise do discurso de Maingueneau (2013) e Orlandi (2005).

2. Jornalismo cultural e práticas sociais da FJS

O jornalismo cultural é um segmento que, de maneira geral, engloba a cobertura, relato e análise crítica de fatos relacionados às diversas manifestações culturais, como a literatura, a música, o cinema e as artes plásticas. Tem por função a formação de públicos e atua na criação de uma memória cultural de determinada sociedade, em determinado contexto espaço-temporal, a partir da abordagem e divulgação de temas de natureza estético-conceitual e/ou ético-política (FARO, 2014).

De acordo com Faro, o jornalismo cultural ocupa uma posição privilegiada na intermediação da relação entre público e cultura, pela presença social calcada na atuação intelectual. Pois quando o analista cultural que atua nesse segmento realiza uma “análise qualificada e de forte sensibilidade conceitual (...) pode contribuir para a formulação de pontos de vista de amplitude ontológica e filosófica” (FARO: 2014, p. 139).

O jornalismo cultural se relaciona, portanto, com os processos que compõem a dinâmica social, não sendo uma instância em separado que refletiria objetivamente o estado da cultura. Antes, e por ser parte da própria cultura, é uma construção discursiva

⁸ Entrevista concedida por Ricardo Viel a Maria do Socorro F. Veloso em 20 de novembro de 2018. E-mail.

por meio do realce da produção cultural, mantendo “estreita relação com o processo de gestação e de discussão das ideias, das correntes de pensamento”, ressaltando-se quando a “perspectiva mercadológica do veículo” não se impõe sobre o olhar acerca da matéria-prima deste campo (FARO, 2014, p.139).

A partir da posição da revista em um *campo simbólico*, o do jornalismo cultural, é possível fazer uma análise da revista a partir das ideias de *habitus*, *regras* e *estratégias*. Esses conceitos de Bourdieu (2004, p. 79-95) se fundam no princípio de que a dinâmica social se dá no interior de um segmento da sociedade, o campo, delimitado e sustentado pelas disposições e valores específicos dos indivíduos, grupos e organizações. Essas disposições específicas são o que o pensador chamará de *habitus*.

Entrevistas realizadas com colaboradores de *Blimunda* revelam que a preparação da revista obedece em parte às regras de uma publicação jornalística da área de cultura, exceto que não há redação física, nem reuniões de pauta. Como integrantes da pequena equipe têm outras atividades na FJS além de escrever para a revista, os colaboradores conversam no dia a dia e vão sugerindo temas.

No interior de cada campo definido por características sistêmicas, há movimentações dos agentes para tentar alterar as relações de força e a distribuição das formas de capital específico do campo através das lutas empreendidas pelos agentes desse campo, as quais Bourdieu (2004, p. 81) denomina estratégias, que são, em suma, “o instrumento de uma ruptura com o ponto de vista objetivista e com a ação sem agente”.

Desse modo, é possível ver a publicação de *Blimunda* enquanto uma estratégia das práticas sociais da FJS em seus esforços por preservar o legado de José Saramago, a literatura e a cultura em língua portuguesa, além de promover a defesa da democracia e dos direitos humanos e tentar estabelecer conexões culturais com outros países.

Essas ações conformam uma prática dos sujeitos *agentes* que compõem a FJS. Para Bourdieu (2004, p. 106), a validação social de uma prática exige que seja codificada de “forma tal que pode ser produzida publicamente, diante de todos, uma vontade ou uma prática que, apresentada de outro modo, seria inaceitável”. A codificação da prática da FJS feita através da revista, ou seja, a forma que se dá ao movimento estratégico da Fundação em seus objetivos de promover a valorização da cultura e dos direitos humanos, pode ser vista no discurso empreendido por meio dos textos veiculados em *Blimunda* sob as formas convencionais da escrita jornalística.

3. Análise discursiva

No intuito de compreender os pressupostos editoriais que regem a revista *Blimunda*, analisamos textos veiculados na edição 81, de fevereiro de 2019. Recorremos à metodologia de análise do discurso baseada em Maingueneau (2013, p. 63) e sua noção de discurso como ação realizada a partir de *enunciados*, visto que a intenção é compreender de que modo as marcas enunciativas do discurso empreendido por *Blimunda* contribuem para os objetivos da FJS de promover a defesa dos direitos humanos e tentar estabelecer pontes com outros países, especialmente o Brasil.

Também usaremos a proposição de Faro (2014) para classificar os enunciados escolhidos: o autor distingue as temáticas dos textos do segmento como oriundas de “demandas de natureza estético-conceitual e ético-políticas” (FARO, 2014, p. 82), classificação que utilizaremos objetivando demarcar a correlação entre as demandas próprias do campo do jornalismo cultural e os textos publicados na revista.

Também realizamos o exercício da análise discursiva a partir dos enunciados escolhidos seguindo algumas das bases propostas por Orlandi (2005, p. 62), procurando identificar no corpus da edição nº 81: **quem fala**, ou seja, as múltiplas vozes que compõem o discurso em sua “polissemia”; **o que se fala**, atentando para o conteúdo do texto e sua possível intertextualidade com outros discursos relacionados com a temática do texto; e **como se fala**, demarcando o contexto de produção do discurso.

Enunciado 1: Este texto foi produzido pela escritora brasileira Andréa Zamorano, para a seção A Casa da Andréa. Trata-se de um olhar sobre episódios de xenofobia que ocorreram em Portugal contra brasileiros e árabes. O texto de Zamorano tem ênfase no apelo por um olhar solidário sobre o outro e chama atenção para a proliferação de manifestações de ódio no país, alimentadas pela ascensão de um nacionalismo conservador que prega a rejeição ao estrangeiro.

O feitiço contra o feiticeiro

Rompido o tecido da memória, o que resta é o medo. Quando nos esquecemos dos que sofreram, dos que morreram, dos que foram torturados, dos que foram forçados a partir, dos que nunca tinham tido voz, dos direitos que conquistamos, damos-nos ao desvario de caminhar até ao paradoxo onde se é capaz de **desejar outra vez esse cruel passado em troca de segurança**. Sabemos que tempos sombrios estão vigilantes na construção da oportunidade. É notória e crescente a influência das **forças conservadoras** que galgam espaços na comunicação social, nos

partidos políticos e nos corações amedrontados dos cidadãos, que temem um conjunto de informações fabricadas com um único propósito, fazer-nos esquecer. A desatenção nos encaminha para a proximidade do abismo e, partida a nossa humanidade em pedaços, somos invadidos pelo ódio.

(...)

À guisa de imitação burlesca daquilo que já de si é escandalosamente perturbador – a chegada ao poder de uma “nova” geração de políticos e políticas obtusas no Brasil – alguns partidos e políticos portugueses individualmente alimentam e fomentam o discurso de ódio contra grupos em particular e pessoas em específico.

(...)

A empatia nos humaniza (...). Não temos o direito e, pelo contrário, temos o dever de acolher os imigrantes tal como queremos que sejam acolhidos aqueles que nos são caros nos países em que escolheram construir uma vida melhor. Caso contrário, se silenciarmos ou embarcarmos nessa palhaçada – desculpem, não me ocorre palavra mais adequada apesar do carinho que nutro pelos palhaços profissionais – de alimentar o medo infundado que alguns partidos e políticos têm a desfaçatez de promover contra os imigrantes, num comportamento absolutamente xenófobo, não demora muito e a perseguição também se vira contra os nossos⁹.

Neste caso, vale ressaltar a figura de Andréa Zamorano como enunciador “autorizado”, dada a sua condição de estrangeira radicada em Portugal. O **quem fala** está implicado, portanto, na assinatura do texto. Ressaltamos que este enunciado é de **natureza ético-política**, pois trata de uma leitura a respeito de um contexto em que o debate sobre o racismo começa a se agudizar em Portugal em razão da ascensão de correntes políticas de extrema-direita. Na condição de gênero jornalístico, apresenta-se como artigo de opinião de uma escritora brasileira que lança sobre a sociedade do país onde vive um olhar crítico e preocupado.

Andréa Zamorano escreve este artigo no ensejo de um crescimento de denúncias de xenofobia em Portugal contra estrangeiros. Brasileiros formam uma das maiores comunidades naquele país e, em 2019, vieram a público diversos casos de manifestações preconceituosas de cidadãos portugueses contra imigrantes do Brasil. A discriminação contra os povos islâmicos que vivem em Portugal é especialmente retratada no artigo e desperta a preocupação da autora por se tratar de manifestações odiosas que têm dimensão política, religiosa, cultural e racial. A temática do texto referente a episódios denotativos de um contexto social marcado por racismo e xenofobia é **o que se fala** neste enunciado.

Quanto à maneira escolhida para falar, ou **como se fala**, evidencia-se a tentativa da autora em fazer um chamado às consciências dos leitores para que reflitam sobre a irracionalidade dos discursos de ódio que têm como premissa uma suposta invasão de

⁹ Disponível em: <https://www.josesaramago.org/blimunda-81-fevereiro-de-2019/>. Acesso em 8 out. 2020.

Portugal por imigrantes que absorvem benefícios, sem contribuir com aquela sociedade. Zamorano faz um resgate histórico da migração portuguesa pelo mundo como forma de apelar para a empatia e recorre à ideia de medo como o causador da adesão a discursos nacionalistas e conservadores.

Enunciado 2: Trata-se do editorial do número 81 de *Blimunda*, no qual a revista manifesta apoio ao ex-deputado brasileiro Jean Wyllys, que anunciou o autoexílio no exterior em razão de ameaças de morte que vinha sofrendo no Brasil.

Com Jean Wyllys, contra a máquina de mentiras

No dia 24 de janeiro, Jean Wyllys, ex-deputado brasileiro pelo Psol, anunciou numa entrevista que renunciaria ao mandato como parlamentar por ser alvo de ameaças. (...) Neste mês de fevereiro, assim que foi tornada pública a vinda de Jean Wyllys a Portugal, a máquina das fake news voltou ao activo. Rapidamente, dois representantes de partidos políticos posicionaram-se contra a visita do deputado brasileiro a Portugal usando como argumento as notícias falsas. Na chamada “Era da pós-verdade”, em que vivemos, a máquina de mentiras que ganha eleições e persegue pessoas é movida pela ignorância e pelo ódio. Como combater essa avalanche de falsidades? Como evitar que os cidadãos sejam manipulados dessa forma? Jean Wyllys, vítima há anos desses ataques, começa agora no exílio a pensar e teorizar sobre esses nossos tempos. Vale a pena ouvi-lo¹⁰.

O que se fala, neste texto, é o exílio de Jean Wyllys no contexto da vitória da extrema-direita nas eleições presidenciais de 2018, no Brasil. O parlamentar brasileiro vivia sob escolta policial desde o assassinato de sua companheira de partido, a vereadora Marielle Franco, em março de 2018. Primeiro deputado assumidamente homossexual a ocupar uma cadeira no Congresso Nacional, Jean se tornou um dos principais alvos de grupos extremistas conservadores que disseminam *fake news* nas redes sociais. **Quem fala** é a Fundação José Saramago, por meio do editorial de *Blimunda*, manifestando apoio a Jean e repúdio às notícias falsas, e reiterando os esforços da FJS em manter a defesa dos direitos humanos como um princípio. **O como se fala** aparece carregado de engajamento, que proclama, ao mesmo tempo, o carácter politizado da atuação da fundação em se posicionar frente a questões políticas, quanto a tentativa de manter trocas culturais com países não europeus, como o Brasil.

¹⁰ Disponível em: <https://www.josesaramago.org/blimunda-81-fevereiro-de-2019/>. Acesso em 8 out. 2020.

Em poucas linhas evidenciam-se importantes temas com os quais a FJS busca ter relação. O editorial de *Blimunda* é sobre solidariedade e indignação, aspectos que se coadunam tanto com a atuação engajada que teve José Saramago em sua vida e obra, quanto com os princípios defendidos pela entidade.

Enunciado 3: Trata-se da reprodução de um texto lido em fevereiro de 2019 pela presidenta da FJS, Pilar del Río, durante o Concurso Nacional de Leitura na cidade do Porto, em que relembra o processo de escrita do romance *A viagem do elefante* (2008), que coincide com uma fase de grave adoecimento de Saramago.

Sempre chegamos ao sítio aonde nos esperam

(...)

José Saramago jantava num restaurante de Salzburgo chamado “O Elefante” quando observou que entre as pequenas esculturas de madeira representativas de diferentes monumentos históricos estava a Torre de Belém. Perguntou à professora Gilda Lopes, que o acompanhava na mesa, a razão daquelas figuras, e ela contou-lhe a viagem do elefante que saiu de Lisboa e chegou a Viena. De certo modo, naquela noite nasceu o livro, ainda que José Saramago só o tenha começado a escrever vários anos depois porque antes publicou *As Intermittências da Morte* e também *As Pequenas Memórias*, que são as recordações da época em que era criança e o mundo lhe parecia uma grande aventura e uma imensa tentação. Por certo, no começo d’*As Pequenas Memórias* fez constar esta frase que pressupõe uma viagem ética: “Deixa-te levar pela criança que foste”.

E chegou o dia de começar a escrever *A Viagem do Elefante*. (...) A história, finalmente, estava pronta para ser contada quando a doença instalou-se no seu corpo. Nos últimos dias de 2007, José Saramago esteve a ponto de morrer num hospital de Lanzarote. Os médicos não deram esperanças, o inevitável ocupou o espaço dos desejos, era como se não houvesse nada mais para contar. Só restava esperar.

Mas não foi assim. Contra todos os prognósticos, José Saramago recuperou-se e voltou à casa. Tinha poucas forças, mas isso não o impediu de se sentar diante do computador e recomeçar aquela particular viagem com um elefante, de Belém até Viena, um verão e o seu respectivo inverno, planícies, mares e cordilheiras. Pela página 73 aparece um personagem desconhecido (...). Trata-se de um homem que está perdido no nevoeiro, exposto a perigos, e que consegue se salvar porque ouve os barulhos do elefante (...).

Não me parece que sejam necessárias mais palavras para entender que o homem perdido na névoa era José Saramago e que foi o chamado imperativo do relato que tinha para escrever o que lhe deu forças para superar a investida da morte. Podemos afirmar agora, categoricamente, que *A Viagem do Elefante* salvou a vida àquele que a escreveu. Há viagens que ajudam a não morrer. Talvez a alegria que esta obra literária desprenda resulte do (feliz) facto de que o autor tenha sido capaz de escrevê-la. A isto agora se soma, e com que prazer, a experiência dos leitores, que são tantos e de tantos países e idiomas. Porque a viagem não termina nunca se somos capazes de prolongar-nos em memórias¹¹.

¹¹ Disponível em: <https://www.josesaramago.org/blimunda-81-fevereiro-de-2019/>. Acesso em 8 out. 2020.

Este texto é denotativo da presença constante da voz de Saramago nas páginas de *Blimunda*, cumprindo o objetivo de preservação do legado do escritor, a que a FJS e a revista se propõem, fomentando uma amálgama de diferentes olhares sobre sua vida e obra. Se articulam, neste sentido, as demandas de natureza **estético-conceituais** no conteúdo da publicação, já que se trata de uma leitura a respeito de uma obra de Saramago e do realce de sua perseverança em viver e, sobretudo, em escrever esta obra na qual reitera, a partir da viagem do elefante Salomão, as críticas às instituições de poder político e religioso que reiteradamente fez em seus livros. Neste enunciado, o **quem fala** tem um caráter pessoal, por se tratar de um texto de Pilar del Río, companheira de Saramago, assim como busca reverberar a voz do próprio escritor, que através do narrador d'*A viagem do elefante* também é enunciador neste discurso. **O que se fala**, aqui, é do processo de criação da obra em perspectiva ao momento difícil pelo qual passava José Saramago. O texto vem acompanhado de fotos de uma encenação de rua do romance adaptado para o teatro, pela Companhia Trigo Limpo.

O título é retirado da epígrafe do livro, no qual Saramago teria realizado uma metáfora da vida, a partir da viagem de Salomão. O encontro do próprio autor com o elefante, como ressaltado no texto de Pilar, nos diz que a vida sempre conduz inevitavelmente à morte, mas que também, nesta viagem, fantásticas aventuras podem acontecer.

4. Considerações finais

A revista *Blimunda* pode ser entendida como uma prática estratégica da Fundação José Saramago, pois, posicionada no campo do jornalismo cultural, ambiciona lançar sobre a literatura e outras formas de manifestação artístico-culturais um olhar mais amplo e analítico, que contemple não só José Saramago e nomes do cenário literário de Portugal e de outros países, incluindo o Brasil, como também é utilizada para veicular publicamente os posicionamentos da FJS em temas relacionados à defesa da democracia, dos direitos humanos e do meio ambiente.

A partir da descrição do modo de funcionamento, das formas e os *habitus* dos sujeitos agentes que realizam a revista e da análise dos três enunciados acima, buscamos apresentar um panorama dos pressupostos editoriais que norteiam *Blimunda*, e sua relação com os elementos que, em essência, permitem destacá-la como uma publicação inserida

no campo do jornalismo cultural que funciona como uma, dentre as práticas sociais da FJS. Entre suas contribuições mais imediatas, está a de criar e preservar um ambiente comum para o diálogo em torno da cultura de língua portuguesa e para a leitura das obras de José Saramago e de outros nomes representativos da literatura, e fomentar a defesa dos direitos à liberdade, verdade e justiça social.

Notamos, também, que há uma articulação constante entre as demandas estético-conceituais e ético-políticas no conteúdo da revista. A publicação é um canal de comunicação que permite à Fundação José Saramago se posicionar frente a diversas temáticas e, assim, construir a própria identidade com seus públicos, sejam leitores da obra saramaguiana, leitores de *Blimunda* ou mesmo participantes dos circuitos culturais com os quais a FJS e a revista se engajam.

A preservação do legado relativo à vida e obra de José Saramago não é nem a temática única da revista, nem pano de fundo exclusivo para o tratamento de assuntos ligados à democracia, aos direitos humanos ou ao meio ambiente: as preocupações que acompanharam o escritor em seus 87 anos de vida estão ligadas a essas temáticas e *Blimunda* atua na aglutinação dessas preocupações, reforçando a atuação nesses temas que, relacionados, também constituem o campo de atuação da fundação enquanto instituição cultural.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- FARO, José Salvador. **Apontamentos sobre jornalismo e cultura**. Porto Alegre: Buqui, 2014.
- LETRIA, Sérgio M. Editorial. Revista Blimunda. Lisboa: Fundação José Saramago, nº 1, jun. 2012, p. 3.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2013.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.
- REVISTA BLIMUNDA. Lisboa: Fundação José Saramago. Disponível em <<https://www.josesaramago.org/revista-digital-blimunda-i/>>.
- REVISTA BLIMUNDA. Com Jean Wyllys, contra a máquina de mentiras– Editorial. Revista Blimunda. Lisboa: Fundação José Saramago, nº 81, jan. 2019, p. 4.
- RÍO, Pilar del. Sempre chegamos ao sítio aonde nos esperam. Revista Blimunda. Lisboa: Fundação José Saramago, nº 81, fev. 2019, p. 17.
- ZAMORANO, Andrea. O feitiço contra o feiticeiro. Revista Blimunda. Lisboa: Fundação José Saramago, nº 81, fev. 2019, p. 13.

Entrevistas

LETRIA, Sérgio Machado. Concedida a Maria do Socorro F. Veloso em 5 de dezembro de 2018. Gravada.

VIEL, Ricardo. Concedida a Maria do Socorro F. Veloso em 22 de novembro de 2018. Por e-mail.